
AS APROXIMAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DE NORBERT ÉLIAS PARA A EDUCAÇÃO A PARTIR DO CONCEITO DE INTERDEPENDÊNCIA, INTER-RELAÇÃO, CONFIGURAÇÃO, PODER, *HABITUS* SOCIAL E INDIVIDUALIZAÇÃO

Jefferson Antonio do Prado*

Resumo: Considerando as diversas possibilidades de aproximações possíveis em Norbert Elias, este artigo aponta-nos suas contribuições a partir de uma revisão de literatura. Entre os muitos estudos elisianos, que podem nos servir de orientações inspiradoras para pensarmos questões ligadas à educação, aqui neste artigo, interessa-nos seus imprescindíveis e preciosos conceitos de “interdependência”, “inter-relação”, “configuração”, “poder”, *habitus* e “individualização”, que se valem para o entendimento não só de atitudes, mas também nas ações das malhas e tramas dos grupos e redes sociais.

Palavras-chave: Norbert Elias; Educação; Grupos e Redes Sociais.

NORBERTT ELIAS'APPROACHES AND CONTRIBUTIONS TO EDUCATION FROM THE CONCEPT OF INTERDEPENDENCE, INTERRELATION, CONFIGURATION, POWER, SOCIAL HABITUS AND INDIVIDUALIZATION

Abstract: Considering the various possibilities of possible approximations in Norbert Elias, this article points to his contributions based on a literature review. Among the many Elisiano studies, which may serve as inspiring guidelines for thinking about issues related to Education, here in this article, we are interested in his indispensable and precious concepts of “interdependence”, “interrelation”, “configuration”, “power”, “Habitus” and “individualization”, which are used to understand not only attitudes, but also the actions of the networks and networks of social networks and networks.

*** Autor correspondente**

Pós-doutor em Ciências da Educação pela ACU - Absoulute Christian University, EUA. Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Columbia – Assunção, PY. Mestre em Educação pela Unesp - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Professor da Rede Pública Municipal de Educação, Rio Claro, Brasil. E-mail: pradoj2000@yahoo.com.br

Submissão: 27/04/2021

Aceite: 11/11/2021

Como citar:

PRADO, J. A do P. As aproximações e contribuições de Norbert Elias para a educação a partir do conceito de interdependência, inter-relação, configuração, poder, *habitus* social e individualização. **Docent Discunt**, v. 2, n. 2, p. 28-39, 2021. <https://doi.org/10.19141/2763-5163.docentdiscunt.v2.n2.p28-39>

As aproximações e contribuições de Norbert Elias para a educação a partir do conceito de interdependência, inter-relação, configuração, poder, habitus social e individualização

Keywords: Norbert Elias. Education. Groups and Social Networks.

As abordagens e estudos de Norbert Elias configuram-se numa vasta obra¹. No Brasil, Elias tem sido um norteador, balizando pesquisas e estudos na área da educação, contribuindo não só para aproximar, mas também equalizar questões educativas, sobretudo no contexto contemporâneo, sob os mais diversos prismas.

Considerando as diversas possibilidades de aproximações possíveis em Norbert Elias, este artigo aponta-nos suas contribuições a partir de uma revisão de literatura. Desse autor se serviu de bom tom este trabalho, quando propõe suas teorias como “mapas”, ou seja, como aproximações para pensarmos acerca das questões aqui balizadas:

em certos aspectos, as teorias assemelham-se a mapas [...] Por outras palavras, uma teoria dá, ao homem que se encontra no sopé da montanha, a visão que um pássaro tem dos caminhos e relações que esse homem não consegue ver por si próprio. A descoberta de relações previamente desconhecidas constitui uma tarefa central da investigação científica. Tal como os mapas, os modelos teóricos mostram as conexões entre acontecimentos que já conhecemos. Como os mapas de regiões desconhecidas, mostram espaços em branco onde ainda não se conhecem as relações. Como os mapas, a sua falsidade pode ser demonstrada por uma investigação ulterior, podendo ser corrigidos (ELIAS, 1986, p. 176-177).

Entre os muitos estudos elisianos, que podem no servir de orientações inspiradoras para pensarmos questões ligadas à educação, aqui neste artigo, interessa-nos seus imprescindíveis e preciosos conceitos de “interdependência”, “inter-relação”, “configuração”, “poder”, *habitus* e “individualização”, que se valem para o entendimento não só de atitudes, mas também nas ações das malhas e tramas dos grupos e redes sociais.

Norbert Elias nasceu em Breslau, Polônia, no ano de 1897. Filho de judeus, estudou medicina e filosofia nas Universidades de Breslau e Heidelberg e, mais tarde, dedicou-se aos estudos da sociologia. Lecionou na Inglaterra por quase vinte anos, contudo teve como formação a Universidade de Amsterdã, na qual atuou por mais de trinta anos².

A imagem de Norbert Elias está correlacionada não apenas à sua contribuição conceitual sociológica, mas também à temática educacional. Elias elaborou a teoria do processo civilizador, apontando que a “civilização” europeia surge da interiorização das limitações, além do autocontrole dos impulsos, cujas transformações se deram pela formação não só do Estado Moderno, mas também a curialização³ da elite na sociedade.

¹ Em pesquisa realizada no Portal de Periódicos da Capes (<http://periodicos.capes.gov.br>), em 11 de maio de 2021, a partir da palavra-chave “Norbert Elias” e “Educação”, foram encontrados, aproximadamente 140 resultados, com artigos de várias áreas de conhecimento.

² Para detalhamentos não só a respeito da vida pessoal, mas também da formação e atividades intelectuais de Elias, consultar: ELIAS, N. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

³ Processo que descreve o surgimento do fenômeno de corte em que o rei era rodeado por vassalos, uma comunidade bem pequena ao seu redor. É nessa altura que nasce o fenômeno da moda e cria-se a arte de conviver (<http://sociuslogia.blogspot.com/2009/02/curtas-sobre-autores-norbert-elias-o.html>).

O conceito elisiano de configuração, inter-relação e interdependência

Elias também pontua a teia dos processos interligados, partindo da teoria das configurações; a compreensão de fenômenos-micro interligados à sociologia macro, ou seja, a frente e o verso de um processo social similar que só pode ser compreendido de maneira relacional; a definição de modelos de jogos e suas possíveis formas; e o resgate da relação indivíduo *versus* sociedade.

Elias (1994c) abarca o conceito de inter-relações e interdependências, possibilitando a ele se alinhar com uma definição de sociedade, associado a uma teia de relações, isto é, “um relacional concebido como um todo” de grupos, bem como indivíduos interdependentes. Assim, define Elias o conceito de interdependência:

o entrecruzamento das dependências dos indivíduos entre si e suas interdependências, são o que os unem uns com os outros. Tais interdependências são o centro daquilo aqui apontado como “figuração” dos sujeitos dependentes uns ao outros. Uma vez que os indivíduos “são”, a princípio por natureza, e encontram-se diante à aprendizagem social, diante à educação, diante à socialização e diante às necessidades oriundas socialmente, dependentes entre si, então esses sujeitos só existem na pluralidade, somente em figurações. Esse é o motivo pelo qual não é nada conveniente compreender a imagens dos indivíduos a imagens de indivíduos singulares. É mais compreensível quando se entende como figura de muitos indivíduos interdependentes que conjugam figuração entre si, ou seja, sociedade ou grupos de variados tipos. Seguindo esse raciocínio se extingue a diferença discrepante acerca das imagens comuns de indivíduos. A sociedade tal como se figura trata-se do próprio entrecruzamento das interdependências constituídas pelos indivíduos (1994c, p. 118-119).

Isso posto, reportamo-nos à ideia de “interdependência dos indivíduos” conectados a uma trama social em que nas ações ininterruptas se relacionam às pessoas em uma complexa cadeia de possibilidades, tal como de relações ligadas e interligadas ao mesmo tempo a distintos grupos, dos quais podem ou não ser interdependentes. Tal arcabouço de possibilidades, de diferentes, mas significativas ligações e relações, é o que possibilita a flexibilização nas relações de tramas sociais.

Segundo Elias, a “interdependência” figura-se como um fio norteador que concebe o relacional como um todo. A ideia metafórica do jogo desponta como uma referência acerca daquilo que pode ser compreendido nas interdependências, interferências e emaranhados que alinhavam os sujeitos não apenas em suas diferentes, mas também infinitas e complexas relações. Para Elias, no jogo, “os envolvidos calculam suas forças entre eles a todo momento, sobretudo quando uns se relacionam com os outros” (WAIZBORT, 2001, p. 90).

Quanto mais as sociedades se revelam diversas, mais complexas se tornam suas interdependências funcionais, já que denotam traços relacionais, cujas características fornecem sustentação e suporte ao todo. É como se o tecido nas relações humanas compusesse a trama que compõem os jogadores interdependentes.

Assim sendo, Elias se propõe, em seus estudos, deixar as relações ainda que complexas, também diferenciadas, com mais sujeitos, ou seja, jogadores entremeados por regras exigentes, a todo instante, até esgotar e chegar, ou não, ao extremo do jogo da sociedade, num ciclo interdependentemente ainda mais denso e complexo. Um jogo composto por inúmeros sujeitos e de inúmeros planos e propósitos (ELIAS, 1986).

Nas pesquisas de Elias, deparamo-nos com as tessituras sociológicas das relações em grupo, bem como com pontos de tensão de poder que vão se tecendo interdependentemente não só entre intergrupos, mas também intragrupos. Em *O processo civilizador*⁴, volume 2, Norbert Elias aponta a todo instante que “são os conflitos, as lutas e tensões os elementos que estruturam o todo, seja o social, seja o individual” (ELIAS, 1994d, p. 387).

Nas análises de Elias, todo conflito vem à tona, uma vez que o homem, ou seja, todo e qualquer sujeito, embora distinto entre si, se relaciona conflituosamente. Para Elias o conflito é indissociável nas relações sociais. Nesse ínterim, o cerne na obra é nos indicar que não existe uma deliberação espontânea de cada sujeito ao produzir a civilização⁵, mas são as atitudes individuais, de sujeitos únicos, como ser singular, que entrelaçado uns aos outros, resulta ou não na civilização.

Portanto, para que o processo de configuração se dê, é imprescindível que haja um equilíbrio, ainda que inconstante não apenas de tensões, mas também de forças as quais permitam que formação social se perpetue. Sem isso não existiria um traço fundamental e estruturante de toda configuração (ELIAS, 1986).

De acordo com Elias, o “social” se figura como um coletivo de relações no qual o grupo pertence a um relacional em sua totalidade e o que o compõem é a coletânea de relações que vai se tecendo o tempo todo, no conjunto de elemento que o forma. Tais relações se seguem num processo contínuo e inseparável, ou seja, se constituem ou se desconstituem, se constroem ou se desconstroem, se articulam ou se desarticulam, se entrelaçam ou se desfiam e se resgam.

Esse é, portanto, o conceito elisiano de Interdependência: “apenas existe sujeito na sociedade e sociedade no sujeito” na medida em que eles vão se alinhando em uma construção constante, pois são indissociavelmente interdependentes. Elias busca compreender de que forma as relações oportunizam e asseguram o acesso a configurações e, dessa forma, penetrar na teia das interações sociais que

⁴ Em *O processo civilizador*, Norbert Elias (1897 - 1990) sugere uma análise acerca da história dos costumes, partindo da elaboração do Estado Moderno e como ele influencia a civilização. Elias propõe-nos a refletir o que ocorreria caso um indivíduo, na contemporaneidade repentinamente fosse enviado para uma época distante da que vive em sua sociedade. Lá, provavelmente, se depararia com uma forma de viver distinto do seu. Provavelmente, alguns costumes e hábitos locais lhe atrairiam, já que os considerariam interessantes e agradáveis e, talvez, outras situações ele consideraria inoportuna e desagradável, partindo de seu ponto de vista. Enfim, estaria inserido em uma sociedade que não poderia ser considerada civilizada para si. Na obra *O processo civilizador*, Norbert Elias traz apontamentos imprescindíveis como, por exemplo, o porquê e de que maneira mudanças ocorreram.

⁵ A civilização é considerada um dos conceitos imprescindíveis a fim de compreendermos o pensamento elisiano. Compreendido como um processo é constituído através de uma rede, enfim, uma trama de interdependência (ELIAS, 1994b), o conceito de civilização se coloca para Elias como um magnífico arcabouço teórico, apurando a percepção aos detalhes do dia a dia na sociedade, sobretudo no que diz respeito à perspectiva de mudança social.

constitui o todo. Apropriando-se do “conceito de interação” torna-se possível não só compreender, mas também penetrar o tecido social da rede de emaranhamentos que constitui grupos e sociedades, constituindo-as como tal.

Um outro imprescindível e, talvez, um dos mais importantes conceitos elisianos é o da “configuração”, o qual está pertinentemente ligado ao conceito de “interdependência”. Tal conceito, recorrente nos apontamentos de Norbert Elias, ressalta o elo entre mudanças não apenas na formação social, mas também de seu comportamento, fugindo à ideia sociológica que divide, ou seja, tenta dicotomizar sociedade e indivíduo.

Roger Chartier (1990), ao fazer referência à obra de Elias *Sociedade de corte*, traz na introdução alguns apontamentos, reforça conceitos costumeiramente mencionados nas análises elisianas, dentre elas o de “interdependência” (ELIAS, 2001a, p. 7-25). A fim de exemplificar sua análise, Elias utiliza-se da “metáfora da dança” no final da introdução de 1968, em *Processo civilizador*, diferentemente, no prefácio, da metáfora de “jogo de cartas”, mencionada por Chartier (1990).

Quer seja pela figuração da dança por Elias, quer seja pela figuração do jogo de cartas, citados por Chartier (1990), todas apontam para um olhar dinâmico e atento às estruturas sociais e que, sobretudo, foge terminantemente da sociologia relacionada à ideia de Estado. Por exemplo, a dança não tem existencialidade própria, já que caso ela não seja parte constitutiva dos dançarinos, não poderá existir fora deles.

Assim sendo, a dança não pode ser considerada como algo independente das pessoas que dela se apropriam. A maneira individual de se comportar, dos dançarinos, se organizada pela configuração de interdependências, e isso se relaciona com a forma como cada um deles distingue, interage e se integra às suas posições.

É dessa forma que Norbert Elias propõe, como início para seus estudos da configuração social, as interações, as redes e todas as etapas dos processos que torna cada indivíduo interdependente. Isso nos indica de que forma a personalidade de cada sujeito se modifica, juntamente com as transformações sociais que são pertinentes ao aparecimento do Estado (ELIAS, 1994c).

Dessa forma, quando se propõe a imaginar um jogo, independente de qual, Elias (1994b) aponta que embora haja regras, principiadas por suas estruturas regimento, não há como se prever o desenrolar nas ações do jogo. Não há previsibilidade acerca da maneira como cada integrante concluirá a partida, uma vez que não existe um objetivo predeterminado (ELIAS, 1994b). Assim também o é a sociologia, quando dos apontamentos que orientam as inter-relações na sociedade, sem, entretanto, “implicar” na busca de objeto, justificar valores ou prever ou pressupor prognósticos.

Os apontamentos relevantes das obras de Elias, acerca da “configuração e interdependência”, possibilita-nos imaginar o princípio balizador sobre por que os indivíduos estão ligados entre si, estabelecendo não só dinâmicas, mas também particulares e singulares configurações.

Para Elias a ideia conceitual de “configuração” pode ser compreendida como uma constituição social e de proporções mutáveis. É o caso, por exemplo, de uma comunidade, um vilarejo, um povoado, onde os indivíduos estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependências mútuas, isto é, interdependentemente.

Nessa forma de enxergar, e compreender a sociedade, cada sujeito está registrado em uma rede interdependentemente emaranhada que faz dele um elo a outros indivíduos, possibilitando a ele o decidir e o fazer (ELIAS, 2001a, p. 13). Elias aponta, nesse caso, como centro as “tramas de dependências correlatas”, possibilitando que cada ato individual dependa um do outro, modificando conseqüentemente a figura relacional do jogo.

Metaforicamente dizendo, Elias aponta a ação ocorrida em qualquer diálogo, por exemplo, para didaticamente propor o mecanismo das dependências recíprocas. É como numa conversa ininterrupta, quando os questionamentos levam às respostas do indivíduo. Da mesma maneira cada elemento que constitui a conversa não se originou de outro indivíduo sozinho, entretanto, originou-se da aproximação entre ambos.

Dessa forma, o conviver de cada indivíduo faz ressurgir em outros sujeitos novos pensamentos, ideias, convicções, reações etc., cujas características são particularmente singulares e individuais, mas que constitui seu “eu” de verdade. E nessa tessitura alinhavam-se os tecidos das relações em que cada indivíduo está inserido (ELIAS, 1994b, p. 30). Dito isso, é a categoria variável das teias e tramas de interdependências que determina a configuração social de cada formação, seja ela situando-se em nível de evolução microscópica do desenvolvimento histórico, seja dos níveis mais comuns e simples da mesma sociedade.

A relação de poder no conceito elisiano

Outra categoria de análise, ainda que rapidamente considerada por Elias, trata-se do “poder” e de suas relações. Para Norbert Elias (1994a) o “poder” é a consequência das relações travadas pessoalmente. O “poder”, nas produções escritas por Elias, não é apontado como uma situação já colocada ou marcada como algo separado de outro qualquer, já que está intrinsecamente relacionado às inter-relações. O poder, para Elias, está mensurado no fato de que há grupos, indivíduos ou sujeitos que

podem reter ou monopolizar aquilo que a outros necessitam, como, por exemplo, comida, amor, segurança, conhecimento etc. Portanto, quanto maior as necessidades desses últimos, mais gigantesca é a proporção de poder que detêm os primeiros (1994a, p. 53).

E Elias ainda completa:

As aproximações e contribuições de norbert elias para a educação a partir do conceito de interdependência, inter-relação, configuração, poder, habitus social e individualização

nas relações entre pais e filhos e entre senhor e escravo, as oportunidades de poder são distribuídas muito desigualmente. Porém, sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas. Sob esse ponto de vista, a utilização simples do termo “poder” pode induzir em erro. Dizemos que uma pessoa detém grande poder, como se o poder fosse uma coisa que se metesse na algibeira. Essa utilização da palavra é uma relíquia de ideias mágico-míticas. O poder é uma característica estrutural das relações individuais, de todas as relações (1994a, p. 81).

O conceito elisiano de individualização e *habitus* social

Há também outro importante conceito mencionado por Norbert Elias, a que ele concebe como “individualização” acerca do processo social. Em *Sociedade dos indivíduos* (1994b), Elias categorizou o problema da relação entre sujeito e sociedade confrontando-o com as considerações do volume I de *O processo civilizador*, ao verificar que a procura por modelos de comportamento era cada vez comum na sociedade europeia ocidental nos séculos 13 ao 18.

Por exemplo, a frequente preocupação sobre o hábito social de “escarrar” à mesa, “palitar os dentes”, “arrotar”, dentre outros costumes, foi extensionada às outras e inúmeras gerações durante um longo tempo um determinante direcionamento de constrangimento e vergonha, diferenciando um grupo social de outro e, conseqüentemente, um sujeito de outro, bem como de diferentes segmentos e de pessoas.

Isso aponta que os sujeitos de uma geração, ao nascerem, emergem no processo civilizador em uma etapa posterior e se adaptam a um molde, ou seja, *habitus* adquiridos na formação e consciência de seu processo social em relação às gerações antecedentes. Para Elias (2000) a concepção de *habitus* social pode ser explicada como uma natureza secundária, isto é, algo que se forma e se desenvolve num movimento constante não só um “emaranhado alinhavamento social”, mas, sobretudo, “individual”.

Esse conceito é parte constitutiva e imprescindível para as pesquisas que ensejam entender não apenas a formação, mas também o padrão das características culturais de nações, instituições e grupos, já que a aquisição de *habitus* pelos sujeitos revelam modelos de comportamentos que são criados, aceitos e exigidos no convívio diário no interior de cada configuração social.

Desse modo, os monitoramentos sociais, isto é, os controles, são vagarosamente incorporados e condicionados pelos sujeitos desde o momento em que eles nascem, ou seja, desde a tenra idade. Tais monitoramentos, que se autorregulam pelos padrões sociais, passam de uma para outra geração de tal forma que podemos afirmar que as etapas, quer individuais ou coletivas, de todo contexto histórico da humanidade, são indispensáveis para a formação histórica do indivíduo no século 21.

Todo processo de “individualização”, como aponta Norbert Elias (1994b) está ligada à ideia da interdependência, o binômio entre indivíduo *versus* sociedade. Tal fato não significa que cada sujeito, ou

seja, que cada indivíduo opta por uma estrada livre e sem restrições. Em vez disso, desde a tenra idade já está condicionado pelo indivíduo ao seu lado para estabelecer um nível muito alto de “autocontrole” em detrimento das funções de regulações sociais.

Elas, conseqüentemente, vão consolidando-se na sociedade e configurando e reconfigurando grupos, instituições, tribos, aldeias etc., cujos comportamentos são marcados por *habitus* diversos diluídos em uma formação social configuradamente específica. Uma vez que cada indivíduo é constituído social e concomitantemente por sua autoimagem, e por outras a ele atribuídas pelos sujeitos com quem se envolvem e se relacionam, formando grupos sociais, então os seres humanos estão pluralmente interligados uns com os outros em sociedade.

Portanto, o relacional entre indivíduo e sociedade só poderá e deverá ser compreendido desde que investiguemos ambas as entidades mutual e processualmente e jamais como um organismo oposto ou sobreposto. Desse fato, Elias (1994b) aponta para uma problematização conceitual, localizada sinteticamente, partindo de duas possibilidades das ideias e da reflexão sociológica, isto é, a polaridade entre indivíduo *versus* sociedade, uma vez que elas são compreendidas por análises mecânicas ou através de padrões retirados das ciências naturais.

De um lado, há uma ideia de pensamento, cujas ideias remetem-nos ao ser humano como uma mercadoria, ou seja, um produto elaborado pelas estruturas sociais, nas quais as ações dos sujeitos estão condicionadas às imposições sociais, quer dizer, considera a sociedade (sujeitos/indivíduos) como produto determinante de uma “mentalidade coletiva”. Ou ainda considera “as forças mentais, materiais e supraindividuais, por comparação com as forças e formas naturais” (ELIAS, 1994b, p. 24).

Oposto a isso, existe outra concepção de que a ideia de sujeito e sociedade concebe, sobretudo, o indivíduo isoladamente, levando em consideração suas práticas, suas estruturas e mandamentos nada mais do que leis de relações interpessoais. Dessa forma, não considera e sequer compreende a possibilidade de estruturas, leis, regras e mandamentos sociais com consistências legítimas interligadas nos comportamentos, isto é, nas ações dos sujeitos.

Em suma, essa concepção acredita o sujeito como um ser isolado, independente, sem comunicação com seu entorno social, tal como um órgão capaz de existir anteriormente à sociedade, bem como fora dela. Diferentemente da primeira concepção que concebe a autonomia das relações dos indivíduos e vislumbra a sociedade como um elemento existente e independente dos indivíduos⁶ (ELIAS, 1994b, p. 25).

Não obstante, Norbert Elias propõe uma trilha a fim de refletirmos sobre o indivíduo e a sociedade como elementos revestidos de uma estrutura singular pensando-se relacional e funcionalmente. Assim sendo, as condições sejam elas psicológicas, sociais ou individuais são respostas de uma etapa processual e interdependente que se organizam e se operam durante muitos séculos. Nessa vertente

⁶ Para detalhamento acerca dessa discussão, sugere-se a leitura dos livros: *A sociedade dos indivíduos* (1994b) e *Introdução à sociologia* (1986).

são considerados alguns apontamentos acerca do conceito do processo de “individualização”, ou seja, uma abordagem de sujeito e sociedade dentro de uma ideia de “sociedade dos indivíduos”, tal como é mencionada por Elias, isto é, “individuação”.

Por ser um processo contínuo, porém não planejado, a individualização se constitui nos recuos e avanços do processo civilizador e individual, em que todos os sujeitos, membros de uma etapa civilizadora social, cuja construção ocorre no decorrer do tempo, são automaticamente e sistematicamente ingressantes desde o momento em que nascem, alguns com mais outros com menos sucessos, já que nenhum indivíduo vem ao mundo civilizado. Isso significa dizer que o individual é por obrigatoriedade social.

Assim sendo, toda etapa de individualização é, em especial, uma etapa de civilização em uma constante confecção. Vai fazendo-se, tecendo-se, constituindo-se num crescer constante a partir das interações e das dependências das ações psicológicas e sociais dos sujeitos atreladas no cerne das configurações⁷.

A concepção de “individualização” encontra-se intimamente atrelado ao autocontrole, processo este que se dá a princípio da exteriorização para a interiorização e torna-se aparente na medida em que a história humana progride e o indivíduo e a sociedade se apresentam como processos, cujo início e fim nunca estão à vista. Isso significa que cada sujeito incorpora os sentimentos, suas emoções e seus controles que são construídos nas relações através de comportamentos, *habitus*, sensações, ações, bem como relação de poder.

Nesse contexto é notável o deslocamento de funções relativas à proteção e ao controle do sujeito, antecipadamente executadas por grupos pequenos, mas tradicionais e consanguíneos, como as tribos, o feudo, a igreja etc., tramitando para os grupos grandemente habitados como, por exemplo, os Estados modernos que se figuram como altamente urbanizados e complexos. Nesses grupos o sujeito convive cada dia mais solitário, brigando para sobreviver, confrontando-se com inúmeras possibilidades o que lhe permite a individualização. Tal questão nos leva a pensar que uma das naturezas da individualização é a de que o sujeito além de autônomo é também autoconfiante em relação às decisões de suas escolhas, já que para tal tem, para isso, liberdade.

Não obstante, quanto maior seu autocontrole, quer consciente, quer inconsciente, maior também será sobre ele as cobranças. E assim sucessivamente, à medida que sente necessidade de dividir configurações nos espaços por onde transita e convive, como: escola, cidades, tribos; enfim, espaços que o fazem indivíduo não apenas “aprendente”, mas também um indivíduo que compartilha saberes. Uma vez que há uma vasta possibilidade de oportunidades o processo em que se dá a individualização traz consigo indícios de êxito, mas também fracasso.

A possibilidade de poder escolher é uma condição que, conseqüentemente, se transmuta em *habitus*, característica necessária, positiva ou negativa, pensando-se em valoração social. Tal movimenta-

⁷ Para maior aprofundamento e detalhamento acerca desse conceito, sugere-se a leitura do livro: *Introdução à sociologia* (1986), sobretudo das páginas 140 até 145.

ção, que se converge entre a liberdade ou o risco de escolha, viabiliza e estrutura a personalidade e as sensações experienciadas pelos sujeitos no desenvolvimento da sociedade, o que vai lhes garantindo um estágio cada vez mais elevado de individualização. Nesse caso, “a abundância de oportunidade e metas individuais diferentes nessas sociedades é equiparável às abundantes possibilidades de fracasso” (ELIAS, 1994b, p. 109).

Também é importante frisarmos que na individualização há sempre um sujeito biológico e outro socialmente individuado. Desde os primórdios da humanidade até a contemporaneidade, muito das estruturas sociais e das situações materiais que garantem a existência do homem tem mudado. Por exemplo, o biológico tem se apresentado mais “robusto”, as forças naturais, aquelas que independem do homem, apresenta-se, e parece, ser cada vez mais “administrável” e “previsível”, enquanto o social se apresenta mais “susceptível” às transformações no decorrer da história da humanidade. Assim considera Elias:

quanto mais os atos das pessoas são regidos por forças naturais indomadas dentro delas mesmas, menos elas diferem entre si em seu comportamento. E, quanto mais variada e difundidamente essas forças são contidas, desviadas e transformadas, primeiro pelo amor e medo dos outros, depois também pelo autocontrole, mais numerosas e pronunciadas se tornam as diferenças em seu comportamento, seus sentimentos, seus pensamentos, suas metas e, inclusive, suas fisionomias maleáveis: mais “individualizados” tornaram-se os indivíduos (1994b, p. 117).

Observa-se uma variação de posição entre as concepções “homem *versus* natureza” no que diz respeito à “sociedade *versus* sujeito” à medida que a procura por individualização é também notada. Contudo, tanto sujeito como natureza e sociedade formam um rol, isto é, um emaranhado de funções interligadas que consegue nos dispensar de situações, analiticamente, rígidas que cercam o entendimento das complexas e inquietantes questões humanas.

É preciso que compreendamos “individualização” como para além do que concebemos por “individual”. É compreendê-la na constelação social que nos dê subsídios para diferenciá-la ao longo da história, senão inúmeras situações, cujas tensões são significativas à compreensão daquilo que seja o arquétipo das representações e comportamentos individuais. Caso contrário, perdemos as tensões significativas na construção das representações individuais, cujas ações são constitutivas, mas distintas do *status quo* na relação entre sujeitos, indivíduos e sociedade agrupada.

Isso posto, quer dizer que a individualização não deve ser compreendida unicamente por um padrão analítico estruturado no “eu”. Em vez disso, ela nos auxilia a notar, relacionar e compreender uma individualidade que está interligada intimamente no “nós” e nos “outros”, no “singular” e no “plural”.

E, ainda que o “eu” esteja centrado no indivíduo, e seja dele uma característica marcante, só será percebido no relacionamento com o próximo. E que, para além disso, se distingue, possibilitando uma organização de estruturas sociais, ou seja, alguns signos próprios como, por exemplo, titulações, nome,

profissões, hábitos, enfim atributos de caráter individual. De forma mais geral, o sujeito é tensionado e presença a tensão que “quase” o obriga a “ser” como os outros ao seu redor a fim de se diferenciar socialmente.

Mediante isso, Elias, ao escrever *A sociedade dos indivíduos* (1994b), reporta-nos a uma questão epistemológica da sociologia que está bifurcadamente enviesada e implicada na compreensão dos fenômenos que traduzem indivíduo *versus* sociedade. Por um momento, Norbert Elias aponta um estudo pormenorizado do sujeito e da sociedade os quais estão entremeados na extensa malha de interdependência, emaranhando-os à estrutura social. No entanto, tal verificação, segundo ele, é suscetível à compreensão da conceituação que faz sobre individualização, indivíduo e sociedade. Como o próprio Elias reconheceu:

sejam claros, o que nos falta são exemplos conceituais e, para além disso, uma abordagem mais ampla na qual a noção de seres humanos, não só como indivíduos, mas também como sociedade, possa melhor se conciliar. Não sabemos de que forma é razoável que cada indivíduo isolado seja algo único, divergente dos demais. Um sujeito, uma pessoa que, de certa forma, vivencia, sente e realiza o que não é realizado por qualquer outro indivíduo sequer. Um indivíduo autônomo e que, concomitantemente existe para outros, e em meio aos outros, constitui uma sociedade, cuja estrutura é complementar, cuja história sequer é planejada por quaisquer indivíduos que a forma, tal como necessariamente se desenrola durante os séculos e sem as quais os sujeitos não sobreviveriam quando crianças, não aprenderiam a falar, a refletir, a amar e até mesmo figurar-se como ser humano (1994b, p. 70).

E ainda reafirma Elias em suas considerações finais:

porém, todos esses apontamentos, todos esses questionamentos, todos os agrupamentos de problematizadoras questões, que emergem neste contexto, vêm para assinalar de que forma, à luz do conhecimento, e dos fatos das ciências humanas, e dos contextos nelas apontadas, tornou urgente, e imprescindível, averiguar a questão problema fundamental acerca do relacionamento entre indivíduo e sociedade, detalhando minuciosamente as ideias não apenas aceitas, mas também interligadas a essas palavras. Sem dúvida, à medida que as dispersas e distintas conclusões das pesquisas, nas mais diversas áreas, são observadas e compreendidas no coletivo, particulariza-se com ainda mais clareza que as classificações, categorias, análises e conceitos, comumente utilizados, ao raciocinarmos acerca de tais questões, já não se encontram no patamar de suas incumbências (1994b, p. 128).

Considerações finais

Os conceitos elisianos nos apontam inúmeras e possíveis interpretações e têm sido reportada por pesquisadores na área da educação, cujas inspirações aproximam-se dos estudos acerca de identidade(s), trabalho docente e formação de professores, socialização, infância, políticas públicas, gênero, entre outros temas.

As aproximações e contribuições de norbert elias para a educação a partir do conceito de interdependência, inter-relação, configuração, poder, habitus social e individualização

Remontando as considerações que se pretendeu tecer neste artigo, consideramos que foi plausível apontar muitas aproximações nas ponderações elisianas que podem balizar estudos no campo educacional, tais como os preciosos conceitos de: interdependência, inter-relação, configuração, poder, *habitus* social e individualização, a partir de uma visão crítica, plural e multideterminada.

Por fim, e de grande valia, cabe considerar, ainda que brevemente, como elementos balizadores de pesquisa, que estudo de outras áreas, para além da educação, estejam também investidos naquilo que Norbert Elias considerou como “o sentido de fazer ciência”, corroborando para a “eliminação de mitos”, como tão bem enfatizou:

por outras palavras, os cientistas são destruidores de mitos. Por meio de uma observação dos factos, esforçam-se por substituir mitos, ideias religiosas, especulações metafísicas e todo o tipo de imagens não fundamentadas dos processos naturais, por teorias testáveis, verificáveis e susceptíveis de correção por meio da observação factual (ELIAS, 1986, p.56-57).

Referências bibliográficas

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1986.

ELIAS, N. **Conocimiento y poder**. Madrid: La Piqueta, 1994a.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história de costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994c. v.1.

ELIAS, N. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994d. v. 2.

ELIAS, N. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, N. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001a.

ELIAS, N. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001b.

WAIZBORT, L. Elias e Simmel. *In*: WAIZBORT, L. (Org.). **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Edusp, 2001.